

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-11-29

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Capucha, Luís, Ramos, M. & Tavares, I. (2018). A arte de fazer sociologia. In Quem são e o que fazem os sociólogos em Portugal. (pp. 1-4). Lisboa: Mundos Sociais.

Further information on publisher's website:

<http://mundossociais.com/livro/quem-sao-e-o-que-fazem-os-sociologos-em-portugal/114>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Capucha, Luís, Ramos, M. & Tavares, I. (2018). A arte de fazer sociologia. In Quem são e o que fazem os sociólogos em Portugal. (pp. 1-4). Lisboa: Mundos Sociais.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A arte de fazer sociologia

Luís Capucha, Madalena Ramos, Inês Tavares

A sociologia é uma ciência antiga, mas com uma presença tardia em Portugal. A ditadura não permitiu mais do que a existência de um pequeno núcleo de ensino da sociologia (ou melhor, de uma certa sociologia) em Évora e a organização de um grupo de investigadores pioneiros organizados no GIS, atual ICS, em torno de Sedas Nunes e da revista *Análise Social*, já no final da sua longa existência inibidora do progresso e do desenvolvimento do país.

Com a liberdade e a democracia a sociologia emergiu finalmente como uma disciplina académica, ensinada em Lisboa, no ISCTE, pelos fundadores saídos do GIS e por docentes formados em Universidades estrangeiras. A ciência cujo nome fora cunhado por Comte em meados do Século XIX via, assim, a luz da liberdade com mais de um século de atraso em Portugal.

Dáí expandiu-se muito rapidamente para marcar presença hoje em todo o país, do Minho ao Algarve, incluindo a região autónoma dos Açores. Existem a funcionar no nosso país cursos de sociologia em dez universidades públicas¹ e uma universidade privada. Ao mesmo tempo que se estendia no território, o ensino da Sociologia alargava o seu âmbito, multiplicando-se os cursos de mestrado a partir do início dos anos 90 do século XX, e os cursos de doutoramento logo depois.

Se as primeiras gerações de licenciados em sociologia encontraram no ensino superior um campo de profissionalização com um peso relevante, também delas saíram os pioneiros do trabalho como sociólogos na administração pública e nas autarquias, bem como em empresas dos mais diversos setores (incluindo empresas de estudos e sondagens) e desempenhando os mais diversos papéis profissionais.

Era uma profissão nova e desconhecida para a maioria das pessoas, incluindo os próprios sociólogos, que a foram construindo com base nas ferramentas científicas, metodológicas e de perspetiva que a sociologia lhes proporcionava. A profissão continua a ser jovem, comparando com muitas outras profissões da sua família científica, mas é já adulta.

¹ Existe também dentro do ensino público o caso da Universidade Aberta, em que a licenciatura não é em Sociologia mas em Ciências Sociais, com minor em Sociologia

Cresceu extraordinariamente em número e na diversidade dos contextos de desempenho e de papéis profissionais.

Paralelamente, estando ainda longe de se tratar de uma profissão familiar para a maioria das pessoas, tornou-se cada vez mais comum e menos estranha. Isso resulta quer da crescente presença de sociólogos no mercado de trabalho, quer da ocupação por muitos deles de posições de grande visibilidade pública, devido ao desempenho de cargos de responsabilidade a nível nacional e internacional e à crescente presença na comunicação social.

Hoje em dia encontramos com frequência sociólogos e sociólogas não apenas no ensino superior, nos cursos de sociologia e em muitos outros, bem como em centros de investigação, mas também no ensino básico e secundário, nas autarquias, em organizações de solidariedade social, em associações, em empresas de estudos e sondagens, em empresas do setor comercial, dos serviços e da indústria transformadora, em organismos públicos, para além da educação, dos setores da saúde, da prevenção de dependências, de segurança, de justiça, de ambiente, de planeamento e ordenamento do território, da consultoria, entre outros.

Desempenham funções como dirigentes, chefias intermédias, técnicos superiores, técnicos executantes e outras, em áreas como a educação, a investigação, os recursos humanos, a gestão de processos produtivos, o planeamento, a avaliação e serviços administrativos, assumindo, repete-se, uma grande diversidade de papéis profissionais.

É certo que com o crescimento perdeu-se alguma coisa no domínio do envolvimento na atividade associativa e na identificação dos sociólogos com a profissão.² Mais do que antes uma parte dos graduados em sociologia inseriu-se no mercado de trabalho exercendo outras profissões que não a de sociólogos, e também mais do que antes alguns sociólogos que desempenham funções como sociólogos não se reconhecem como tal, em boa parte por via da presença entre os sociólogos da cultura dissociativa entre ciência e profissão de que falava António Firmino da Costa no 1º Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, cultura essa presente fora dos centros de produção, formação e divulgação científica, mas também nestes, como é visível na presença mais pálida das

² Saliente-se que se mantém dominante a recusa de lógicas puramente corporativas na organização da profissão, cujas estruturas são de pertença absolutamente voluntária. Evita-se assim a exclusão de profissionais do mercado de trabalho e a adesão compulsiva à organização profissional, a APS.

questões profissionais, em relação às científicas, nos últimos Congressos dos Sociólogos portugueses.

Porém, esse problema está longe de ser dominante. Por isso, a penetração dos sociólogos no mercado de trabalho é uma realidade bastante consolidada e resultante de um conjunto de competências e atributos que fazem parte da identidade e da cultura profissional dos sociólogos. Entre essas competências e atributos contamos, entre outros, como aliás se torna evidente a partir da leitura dos testemunhos que podem ser lidos no presente livro, os seguintes:

- Uma atitude responsável e profissional, capaz de combinar a imaginação, a atitude crítica e inovadora com o compromisso em relação aos objetivos das organizações de trabalho em que se inserem. Em geral, os sociólogos estão no mercado de trabalho e desempenham funções de responsabilidade porque são bons profissionais;
- Uma especial capacidade para trabalhar em equipas multidisciplinares, a qual é de resto quase sempre treinada na formação inicial, e que o deve ser cada vez mais;
- Um posicionamento nos mais diversos contextos de trabalho que permite aos sociólogos constituir-se como especialistas na mediação entre os diversos agentes num determinado contexto, usando os conhecimentos substantivos acumulados pela ciência, compreender o modo como funcionam as organizações, como se articulam os agentes quer em rede, quer em quadros mais hierarquizados, quais os interesses eventualmente contraditórios que resultam das posições ocupadas pelos diversos agentes no campo em que se exerce a profissão;
- Uma particular competência teórica e metodológica para conhecer realidades sociais complexas, identificar problemas, propor soluções, planejar intervenções e avaliar resultados;
- Uma grande flexibilidade e adaptabilidade a contextos em mudança.

Parece ser possível preservar este património profissional, mas também melhorá-lo e desenvolvê-lo em alguns aspetos. Referiremos aqui três que nos parecem determinantes: i) é necessário vencer barreiras e obstáculos resultantes do desconhecimento por parte de um segmento dos empregadores a respeito da utilidade do contributo reflexivo da sociologia, mas também aquelas que são colocadas por outras profissões que se têm dedicado a uma ação marcada pela tentativa de fechar o mercado e monopolizar as oportunidades, limitando assim as vantagens da cooperação interdisciplinar; ii) é preciso

vencer preconceitos dentro do próprio campo da sociologia, que levam à desvalorização das funções e papéis profissionais que fogem ao padrão comum do trabalho na academia e nas empresas e departamentos de estudos e planeamento; iii) o que implica, em terceiro lugar, trabalhar no seio da APS para que se preste maior atenção à sociologia como profissão. Esta dimensão da sociologia não pode ser tratada apenas como mais uma secção específica ou temática. A profissão terá de ser considerada um pilar de valor idêntico à ciência no seu conjunto, o que tem consequências no tipo de atividades que se organizam e na afetação de recursos. Este livro visa precisamente contribuir para este desígnio.

Visa-se, na verdade, retomar o debate em torno das questões da sociologia enquanto profissão. Curiosamente, um debate que não cresceu ao mesmo tempo que crescia o número de profissionais. Pelo contrário, esse debate parece ter perdido espaço nos últimos 15 anos, período em que perdeu muita visibilidade, inclusivamente dentro das iniciativas oficiais da própria APS, se excetuarmos a organização de mesas muito pouco frequentadas por ocasião dos Congressos.

Pretende-se, pois, com esta publicação estimular a retoma desse debate, num contexto que mudou tanto no plano da própria ciência, como no plano das condições sociais em que a profissão é exercida e do modo como a sociologia tem de encarar velhos e novos problemas sociais que permanentemente nos desafiam. É necessário voltar seriamente a colocar o tema no topo das nossas preocupações, de modo a que a partilha de experiências e de ideias permita melhorar o desempenho dos sociólogos no mercado de trabalho e a imagem da sociologia na sociedade.

A obra que agora se edita por iniciativa da Secção Temática Experiências e Perfis Profissionais da APS, segue-se a outros dois livros que marcaram um período alto da organização da Sociologia como profissão em Portugal: *Experiências e Papéis Profissionais de Sociólogos* (Associação Portuguesa de Sociologia – Secção do Campo Profissional), que teve a primeira edição em 1990 e a segunda em 1995, e *Profissão Sociólogo*, editado por Helena Carreiras, Fátima Freitas e Isabel Valente (Celta Editora) em 1999. Livros estes produzidos num período em que se multiplicavam encontros e eventos relativos à sociologia como prática profissional, quer no seu conjunto, quer em algumas áreas específicas.

Do presente livro consta uma análise sociográfica detalhada dos sociólogos em Portugal, realizada por Madalena Ramos a partir de um inquérito realizado pela Direção da APS

em 2013, seguida de 10 testemunhos de sociólogos inseridos em espaços de profissionalização tão diversos como associações de desenvolvimento local (Alexandra Correia) ou de desenvolvimento integrado (Filomena Machado), cargos de governação (Augusto Santos Silva) e políticos (José Soeiro), observatórios (Catarina Reis Oliveira), administração pública (Isabel Castela e Rui Banha), empreendedorismo (Pedro Pires), consultoria (Rafaela Ganga) e forças de segurança (Rui Eusébio). Poderiam, sem dúvida, ser muitos mais os testemunhos e as áreas abrangidas. Mas o essencial é que se possa revisitare a Arte de ser Sociólogo em Portugal, quase vinte anos depois da última das referidas obras. O livro inclui ainda um texto final de “balanço” produzido por Paulo Machado.

Vale sempre a pena lembrar que a nossa disciplina nasceu com uma ambição clara: contribuir com o conhecimento e a reflexão para uma abordagem mais justa e mais ajustada à resolução dos problemas enfrentados pelas sociedades. Procura-se conhecer melhor a realidade, mas também contribuir para a capacidade reflexiva que caracteriza tanto os sistemas como a agência social e ainda ajudar a transformar a realidade que se estuda. O que não se faz apenas pela transferência de conhecimento da academia para a sociedade, nem com a divulgação científica, mas também, e talvez principalmente, através da presença dos sociólogos em todos os campos em que se joga o nosso futuro coletivo, como profissionais capazes, isto é, críticos, competentes e úteis.